

Holocalyx balansae Micheli

(alecrim das matas , alecrim de campinas, alecrim do campo, pau alecrim, pau de rego)

Família: Fabaceae

Endêmica: não⁴

Bioma/Fitofisionomia: Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica⁴

Recomendação de uso: Silvicultura

Árvore perenifólia, com 5 a 10 m de altura e 20 a 50 cm de DAP, podendo atingir até 25 m de altura e 100 cm de DAP, na idade adulta. O alecrim é recomendado para reposição de mata ciliar em locais sem inundação para plantio em margem de represa com piscicultura. O fruto, cuja polpa madura é succulenta, adocicada e um tanto ácida, serve de alimento para vários animais silvestres, como veado, anta e o periquito maitaca, que também são seus principais dispersores. É uma espécie largamente utilizada na arborização de parques, praças e ruas, sua copa é compacta e mantém-se sempre verde, assumindo formato arredondado, mais desenvolvida quando isolada. As sementes são tidas como tóxicas. O alecrim não deve ser utilizado como árvore de sombra para o gado, por ser espécie tóxica. As folhas, talos foliáceos e sementes encerram glucósidos cianogênicos, que podem ser tóxicos ou medicamentosos, de acordo com a sua dose. Usa-se em forma de banhos para combater o reumatismo. O chá serve para tosse e afecções das vias respiratórias, além de ser usado para baixar a pressão. A madeira do alecrim pode ser usada em marcenaria de luxo, tacos de bilhar, construção pesada, dormentes, forro, móveis, mourões, postes, ripas, cabos de ferramenta e peças torneadas.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, dormentes, mourões, peças torneadas, poste, caibros, forro e teto, ripas, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (recurso para fauna, medicinal, ornamental)²

Características gerais

Porte: altura 10.0-25.0m DAP 50-100cm^{1,2}

Cor da floração: branca^{3,1}

Esbranquiçadas ou cremes (LONGHI, 1995); Esverdeadas (ELETROPAULO, 1995).

Velocidade de desenvolvimento: Lenta²

O incremento médio máximo registrado é de 1,20 m³/ha/ano, aos dez anos.

Persistência foliar: Perenifolia^{2,1}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa^{3,2}

Diâmetro da copa: 10m²

Alinhamento do tronco: Tortuoso^{1,2}

Superfície do tronco: Fissurada¹

Tipo de fruto: Carnoso indeiscente (Drupa)¹

Cuidados

Poda de condução e de galhos: sim²

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: sim²

Drenagem do terreno: Áreas encharcadas/alagadas^{9,6}

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Secundária tardia, Clímax^{5,7,1,8}

Polinizadores: Principalmente as abelhas e diversos insetos pequenos.²

Período de floração: maio a outubro²

Tipo de dispersão: Zoocórica²

Agentes dispersores: Agentes dispersores morcegos entre outros e ornitocórica, principalmente o periquito baitaca.²

Período de frutificação: novembro a abril^{2,1}

Associação simbiótica com raízes: não⁷

Associação simbiótica nas raízes com micorriza em intensidade muito baixa.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos no solo^{6,1,2}

Segundo LONGHI 1995, a melhor época para colheita das sementes ocorre nos meses de março e abril. Para a extração da semente, o fruto deve ser lavado e macerado em água, para a retirada da polpa carnosa. Em seguida, a semente deve permanecer em peneiras para secar, à sombra (CARVALHO, 2003). Segundo LORENZI, 2002, recomenda-se coletar os frutos do chão, que

podem ser utilizados diretamente na semeadura sem beneficiamento, não havendo necessidade de despoldá-los, já que a polpa é fina e mantém a umidade da semente.

Tipo de semente: Intermediária⁵

Tratamento para germinação: Escarificação mecânica, Tratamentos combinados⁵

Imersão em água a temperatura de 80°C a 90°C, fora do aquecimento, mantendo as sementes na água até que se atinga a temperatura ambiente. Outra opção é realizar a escarificação mecânica na região oposta à do embrião.

Produção de mudas: Canteiros ou Recipientes individuais^{2,6}

Recomenda-se semear em sementeiras, para posterior repicagem, ou duas sementes por recipiente, (semente grande, dependendo do diâmetro do recipiente não é possível a semeadura direta). Recomenda-se a repicagem três a cinco semanas após a germinação (CARVALHO, 2003). Segundo LORENZI, 2002, recomenda-se semear os frutos como se fossem sementes em recipientes individuais, como sacos plásticos. O autor ainda afirma que o desenvolvimento das mudas é lento, podendo demorar até um ano para estarem prontas para o campo.

Tempo de germinação: 30 a 120 dias^{2,1}

Taxa de germinação: 50 a 90%^{5,2}

Número de sementes por peso: 1000/kg^{5,1,6}

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra⁶

Apesar de sua ocorrência no interior da mata primária, tolera bem a luz direta quando adulta.

Dados madeireiros

Possui curva de incremento médio anual (IMA): -

Possui curva de incremento corrente anual (ICA): -

Bibliografia

¹ LONGHI, R. A. Livro das árvores: árvores e arvoretas do Sul. Porto Alegre: L & PM, 1995. 176 p.

² CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

³ ELETRICIDADE DE SÃO PAULO S/A - ELETROP PAULO. Guia de planejamento e manejo da arborização urbana. São Paulo: Eletropaulo: Cesp: CPFL, 1995. 38 p.

⁴ MANSANO, V. F.; BARROS, L. A. V. de. Holocalyx. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 23 ago. 2013.

⁵ MORI, E. S.; PIÑA-RODRIGUES, F. C. M.; FREITAS, N. P.; MARTINS, R. B. Sementes florestais: guia para germinação de 100 espécies nativas. São Paulo: Instituto Refloresta, 2012. 159 p.

⁶ LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

⁷ ZANGARO, W.; NISIZAKI, S. M. A.; DOMINGOS, J. C. B.; NAKANO, E. M. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas nativas da bacia do Rio Tibagi, Paraná. *Cerne*, Lavras, v. 8, n. 1, p. 77-87, 2002.

⁸ FONSECA, R. C. B; RODRIGUES, R. R. Análise estrutural e aspectos do mosaico sucessional de uma floresta semidecídua em Botucatu, SP. *Scientia Forestalis*, Piracicaba, n. 57, p. 27-43, jun. 2000.

⁹ NASCIMENTO, H. E. M.; VIANA, V. M. Estrutura e dinâmica de eco-unidades em um fragmento de floresta estacional semidecidual na região de Piracicaba, SP. *Scientia Forestalis*, Piracicaba, n. 55, p. 29 -47, jun. 1999.